



Jacaré-do-pantanal | *Caiman*

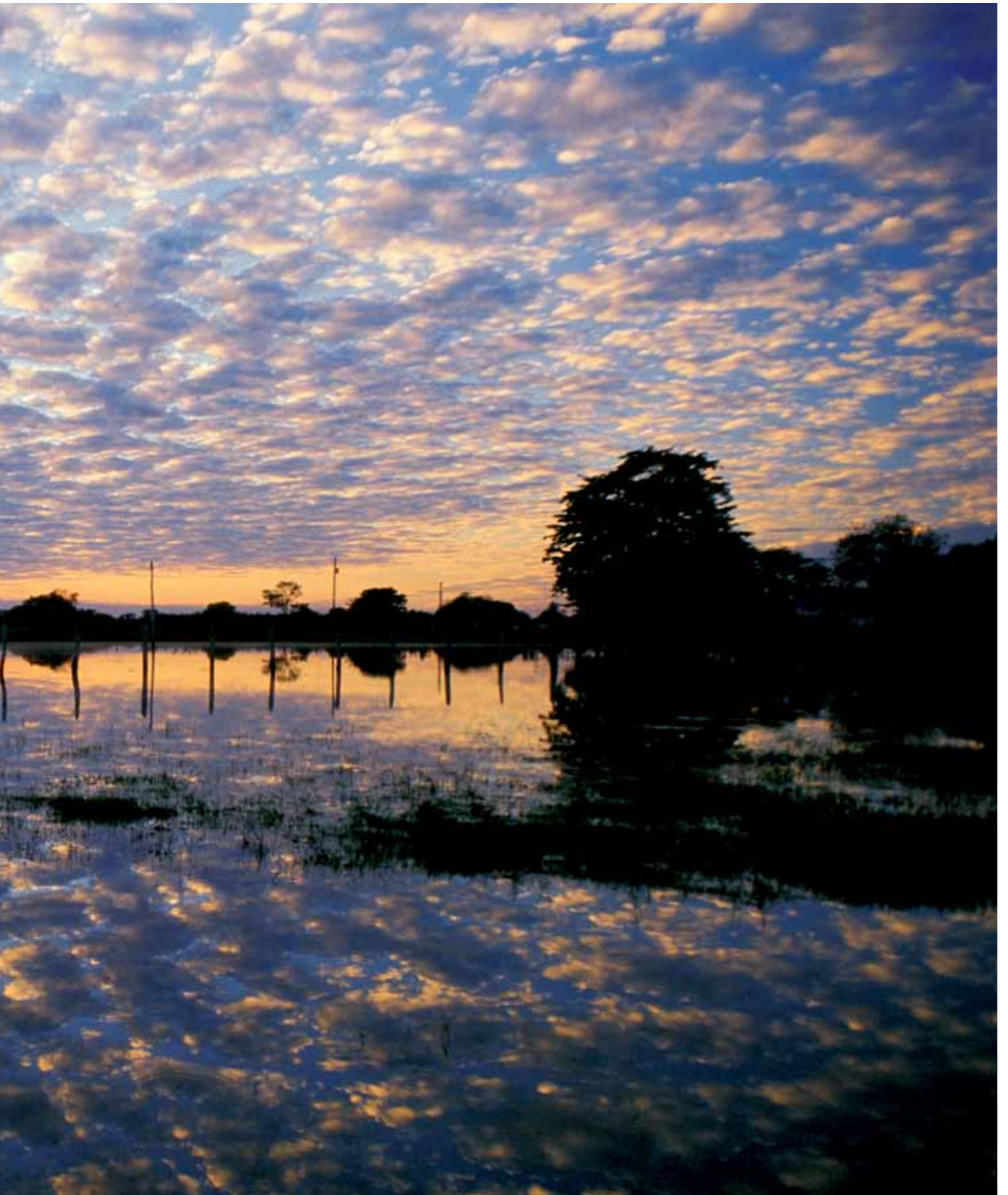


PANTANAL MATO GROSSENSE

# Capricho das águas

*Whim of the waters*



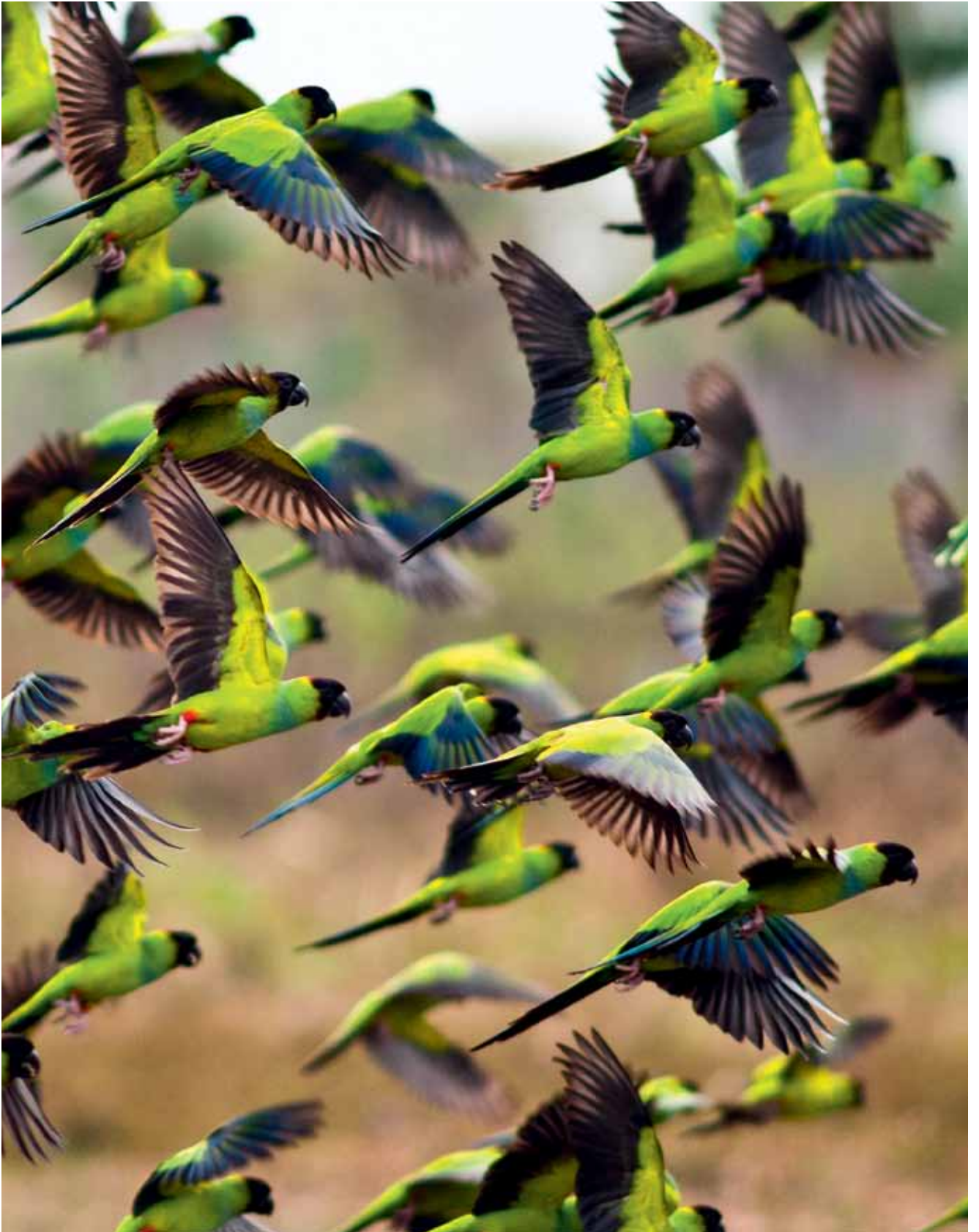








200 Cervo-do-pantanal (*Blastocerus dichotomus*) | Pantanal swamp deer



Periquitos-de-cabeça-preta (*Nandayus nenday*) | Black-hooded parakeet 201



Sempre por volta de novembro, às vezes dezembro, o rugido de sapos e trovões decreta a reinvenção do Pantanal. As chuvas chegam imediatamente depois, e desabam de uma vez só, como se tivessem aguardado o ano todo pelo momento decisivo de mergulhar o oeste do Brasil no mais completo aguaceiro. Chove sobre a planície, sobre a cabeceira dos rios que correm do Planalto Central, chove em todo lugar. Num único dia, podem cair 178 bilhões de litros — o mesmo volume de toda a água engarrafada que se vende por ano no mundo. E, como se trata de uma planície quase sem aclives ou declives, a enxurrada, sem ter para onde escorrer, engorda rios, riachos e lagoas até fazê-los transbordar. Durante quatro ou cinco meses, uma onda sorradeira vai vestindo o Pantanal até transformá-lo num imenso mar de água doce. Quando chega abril, a planície está tomada por uma solidão oceânica, amortecida pelo calor. Os bichos recolhem-se às matas e os homens, às casas. Só os peixes é que desfrutam este mundo aquático para procriar e se alimentar dos frutos pendurados nos galhos das árvores submersas.

*Always around November, sometimes in December, the roar of frogs and thunder heralds the reinvention of the Pantanal. The rain begins immediately, and then pours down all at once, as if it had waited all year for this decisive moment, to plunge western Brazil into complete downpour. Rain over the Plain, over the headwaters of rivers that run from the Central Plateau, it rains everywhere. In a single day, a 178 billion gallons can fall — equivalent to all the bottled water sold worldwide in a year. And, as this land is almost completely flat with neither inclines or declines, the runoff, with nowhere to drain, fattens rivers, streams and ponds till overflowing. For four or five months a wave creeps up, dressing the Pantanal in a vast lake of fresh water. When April comes, the plain is taken over by oceanic isolation, softened by the heat. The animals recoil into woods and the men into houses. Only the fish are enjoying this watery world to breed and feed on the fruit hanging from the branches of submerged trees.*



Peão pantaneiro tocando berrante | *Pantanal cowboy blowing horn* 203



Essa água toda, para sair, tem só dois caminhos. Um é pelo ar, por evaporação. O outro é pelo Rio Paraguai, o único gargalo da planície, que carrega as águas pantaneiras por 2 mil quilômetros até finalmente misturá-las ao Atlântico, na foz do Rio da Prata. Seis meses depois das primeiras chuvas, o Pantanal começa a secar. E nas concavidades do terreno permanecem numerosas ilhas de água doce cercadas por um mar de terra firme, arquipélago às avessas que transforma a planície num lugar inteiramente novo, repleto de vida. Essas lagoas são chamadas localmente de “baías”. E existem também as “salinas”, que são de água salobra, mistura de chuva e sais provenientes da Serra da Bodoquena. Aqui, os peixes que não puderam voltar ao leito dos rios durante a vazante permanecem confinados,

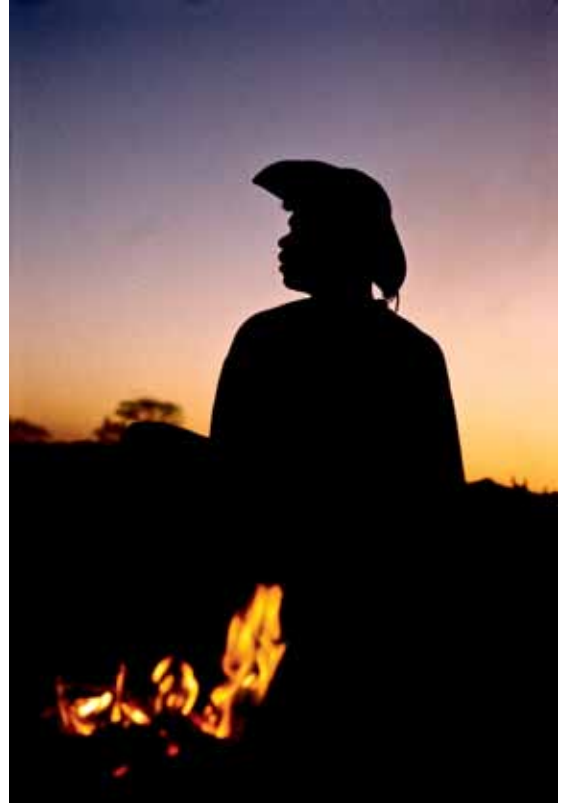


para deleite de jacarés, ariranhas e uma infinidade de pássaros.

Quem visita o Pantanal durante a seca deve achar que sobra bicho por aqui. A partir de agosto, toda a fauna pantaneira faz dessas lagoas um disputado ponto de encontro, a única promessa de água e comida farta numa terra enxuta. Nas salinas, os animais lambem os sais que repousam nas margens. Nas baías, reúnem-se não só aqueles que se alimentam dos peixes que ficaram aprisionados como também os que fazem dos comedores de peixes sua refeição, formando-se muitas vezes uma cadeia alimentar completa em torno de uma única lagoa. Sorte de quem está no topo da cadeia, como onças-pintadas, suçuaranas, jaguatiricas e sucuris, que dispõem de uma das maiores concentrações de fauna do Brasil para saborear.



*All this water, to escape, has only two options. One is through air, by means of evaporation. The other is the Paraguay River, the only bottleneck of the plain, which carries the Pantanal waters two-thousand kilometers before finally mixing into the Atlantic, at the mouth of the River 'Rio da Prata'. Six months after the first rains, the wetland dries. And in the hollows of the land remain numerous freshwater islands surrounded by a sea of land, the archipelago turns upside down, the plain becomes a whole new place, full of life. These ponds are locally called 'baías' or bays. And there are also the 'salinas' or salts, which are brackish waters, a mixture of rain and salt from the Bodoquena mountains. Here the fish that could not return to the riverbed during the ebb remain confined, to the delight of alligators, otters and countless birds.*



*Those who visit the Pantanal during the dry season may think there are more animals here than there could be. After August, the entire Pantanal fauna turns these lagoons into a disputed meeting point, the only promise of abundant food and water in a dry land. At the salinas, animals lick the salt crystallizing at the margins. At the baías, encounters take place not only between those who eat the trapped fish but also those who would make a meal of the eaters-of-trapped-fish, often forming a complete food chain around a single pond. Luckily for the animals at the top of the chain, such as jaguars, pumas, ocelots and anacondas, they have one of the largest concentrations of wildlife in Brazil to taste.*

*For birds, the drought is also a time to procreate, and trees around the baías appear*

Para as aves, a seca também é tempo de procriar, e nas árvores ao redor das baías surgem imensos berçários coletivos, cada galho ocupado por uma família alada diferente. Só o ninhal Corutuba, um dos maiores do Pantanal, recebe 15 mil pássaros todo ano, entre biguás, biguatingas, colhereiros, cabeças-secas, tuiuiús e tantos outros. Nos campos antes inundados, permanece uma fina camada de matéria orgânica, que fará o mato e os capinzais rebrotarem cheios de nutrientes. É a garantia de que, até a chegada das próximas chuvas, capivaras, antas, veados e outros herbívoros não passarão fome. À terra renascida, os ipês respondem trocando as folhas pelas flores, roxas ou amarelas. No Pantanal, não há nada mais sintomático da chegada da seca que os ipês em flor.

Toda a vida na maior planície inundável do mundo – a de bichos, plantas e homens – resume sua existência à alternância entre o excesso de água e a ausência dela. Existem, sobretudo, dois Pantanaís, e em ambos quem determina o destino de todos é a natureza. Isso explica por que até hoje, a despeito de toda tecnologia, estrada nenhuma foi capaz de atravessar o Pantanal de ponta a ponta. Houve, na década de 1970, a saga inútil da Transpantaneira, cujo objetivo era ligar Cuiabá a Corumbá, mas acabou parando na metade do caminho, às margens do Rio Piquiri, vencida pelo meio natural. Se ainda hoje existe, é porque sobrevive graças às suas 126 pontes de madeira, praticamente uma para

cada quilômetro. Eis o fato: mesmo entrado o século 21, o Pantanal é um raro pedaço do Brasil onde a paisagem ainda está no comando. E, por causa dela, este é um dos poucos paraísos que nos restam. Merecidamente, no ano de 2000, toda a Bacia do Alto Paraguai foi transformada pela Unesco em Reserva da Biosfera, incluindo não só a planície como também a cabeceira dos rios responsáveis pela cheia.

Não fosse o aguaceiro, e o insuperável isolamento dele decorrente, certamente alguém já teria posto o mato abaixo para erguer cidades, estradas, fábricas ou lavouras. Mas não: a única maneira que o homem encontrou de fixar-se neste mundo governado pelas águas foi estabelecendo fazendas de gado descomunais, de tamanho suficiente para todo ano deixar-se cobrir pela cheia e ainda sobrar espaço para os rebanhos. São comuns propriedades de 100 mil hectares, ou até mais. Chega a ser espantoso, sobretudo quando visto sob uma ótica ambientalista, o fato de que 80% da planície pantaneira está ocupada por estâncias onde vivem, no total, quase 4 milhões de cabeças de gado. Em qualquer outro lugar do país, isso já teria resultado numa tragédia ambiental. Mas aqui, onde a economia não viu escolha senão se adaptar aos mandos e desmandos da natureza, homens e animais construíram um extraordinário exemplo de convivência, ainda que forçada.

Nos espaços deixados pelos fazendeiros para



*to become immense collective nurseries, each occupied by a different branch of winged family. The Nihal Corutuba Bay alone, inside the Pantanal, receives 15 thousand birds every year, including cormorants, darters, spoonbills, storks and many others. In the previously flooded fields, remains a thin layer of organic matter, which will allow the bush and grasslands to sprout plentiful nutrients. This ensures that, until the arrival of the next rain, capybaras, tapirs, deer and other herbivores won't go hungry. The earth reborn, the ipê, a tree characteristic of South America, responds with flowers blooming, purple or yellow. In the Pantanal, nothing is more symptomatic of the arrival of the drought that the ipês in bloom.*

*All of the life in the largest wetland in the world – animals, plants and humanity – sums up its existence by the switch between the excess and lack of water. There are, above-all, two*

*Pantanals, and together determining the fate of all, is nature. This explains why even today, despite modern technology, not one road is capable of crossing the swamps from end to end. There was, in the 1970s, a saga of useless construction projects, aimed at connecting Cuiabá to Corumbá, but it failed halfway, on the banks of the River Piquiri, beaten by the natural environment. It's still there today, surviving thanks to its 126 wooden bridges, nearly one for every kilometer. Here's a fact: even as we enter the 21st century, the Pantanal is a rare piece of Brazil where the landscape is still in charge. And because of it, this is one of the few natural havens that remain. Deservedly, in 2000, the entire Upper Paraguay River Basin was transformed by Unesco into a Biosphere Reserve, including not only the plains but also the headwaters of the rivers responsible for the flood.*



a cheia é que os bichos encontraram refúgio, transformando este lugar num dos mais ricos santuários de biodiversidade do continente. Rodeado pela Floresta Amazônica, pelo Cerrado e pelo Chaco paraguaio, o Pantanal tomou emprestadas espécies dos três biomas. Só de animais vertebrados são mais de mil espécies, e quase a metade são aves. Há tantos pássaros aqui quanto na Europa inteira. Não que todos os animais pantaneiros tenham vivido sempre na santa paz; onde existe a presença do homem, por mais indômito que seja o meio natural, sempre existirá certa tensão. Que o digam os jacarés-do-pantanal, as araras-azuis e as onças-pintadas. Todos praticamente desapareceram no século 20: os primeiros por causa do couro, as segundas pela plumagem e as terceiras, pelo ódio dos fazendeiros ao verem seus rebanhos atacados. Graças a projetos ambientais bem-sucedidos, as três espécies estão conseguindo se recuperar. Os jacarés já somam 3,7 milhões – quase quatro para cada habitante humano da região.

Gente mesmo o Pantanal tem muito pouca. Na porção brasileira da planície, que equivale a três quartos de todo o bioma, a população oficial está em torno de 1 milhão de pessoas. E dessas, quase todas vivem nas cidades das bordas, como Cuiabá, Corumbá, Miranda e Aquidauana, servidas pelas rodovias e em grande parte a salvo das inundações. O restante, aproximadamente 56 mil pantaneiros, moram nas fazendas, metidos nas áreas mais remotas da planície, bem onde as estradas nunca puderam chegar. Certas casas só se alcançam de barco, a cavalo ou de avião. Em tempo de cheia, só de barco. E nem mesmo de avião, já que até a pista de pouso costuma ficar debaixo d'água.

Por causa do isolamento, até bem entrado o século 20, a única conexão da gente pantaneira com o resto do mundo era pelo Rio Paraguai. Quem vinha do Rio de Janeiro tinha de subir o Rio da Prata e viajar de vapor por mais de 2 mil quilômetros até chegar ao porto de Corumbá. Como o trajeto incluía capitais como Montevidéu, Buenos Aires e Assunção, essas viraram referência

*Were it not for the downpour, and the unsurpassed isolation which comes with it, surely someone would have cut the brush down to build cities, roads, factories or farms. But no: the only way humanity found to stick itself into this world ruled by waters was by establishing enormous cattle ranches, big enough to let flood every year and still have space for livestock. Commonly, properties are of 100 thousand hectares or more. It's startling, especially when viewed from an environmental perspective, the fact that 80% of the marsh plain is occupied by ranches which are home to, in total, almost 4 million heads of cattle. Anywhere else in the country, it would have resulted in an environmental tragedy. But here, where the economy saw no choice but to adapt to the demands of nature, human and animal have built an extraordinary example of coexistence, albeit forced.*

*In the spaces left to the flood by landowners is where animals have found refuge, making this place one of the richest biodiversity sanctuaries on the continent. Surrounded by rain-forest, the Cerrado and the Chaco of Paraguay, Pantanal samples three varieties of biome. Of vertebrate animals alone, there are more than a thousand species, and over half are birds. There are more birds here than across all of Europe. Not that every pantanal animal has always lived in holy peace; where there is the presence of the humans, the excess and lack of water, there will always be some tension. Just ask the pantanal alligator, the blue macaw or the painted jaguar. All have*

*but nearly disappeared in the 20th century: the first for its leather, the second for its feathers and the third, by the hatred of farmers, who saw their herds being attacked. Thanks to successful environmental projects, the three species were able to recover. Alligators have already reached 3.7 million— nearly four for every human inhabitant of the region.*

*Of people, the Pantanal has very little. In the Brazilian portion of the plain, which is equivalent to three quarters of the entire biome, the official population is around 1 million people. And of these, almost all live in border cities such as Cuiabá, Corumbá, Miranda and Aquidauana, serviced by highways and largely spared from flooding. The remainder, approximately 56 thousand, live on farms, located in the more remote areas of the plain, where roads have never been able to reach. Certain houses are reachable only by boat, horse or airplane. During the flood, only by boat. And not even by plane, because then the runway usually stays underwater.*

*Because of this isolation, until well into the 20th century, the only connection people of the Pantanal had with the rest of the world was the Paraguay River. Those who came from Rio de Janeiro had to go up the River 'Rio da Prata' and travel by steam boat for over two-thousand kilometers to reach the port of Corumbá. Since the path included capitals such as Montevideo, Buenos Aires and Asuncion, these have become cultural references for the people of the Pantanal much more than any other major city in Brazil.*

cultural para o povo pantaneiro muito mais do que qualquer outra grande cidade brasileira. Assim, no movimento inverso ao das águas quando escorrem na vazante, a cultura do Pampa invadiu a planície. Ainda hoje, música de baile popular no Pantanal é chamamé argentino, polca paraguaia e vanerão gaúcho. E nos momentos de descanso, tudo gira em torno do tereré, bebida nacional paraguaia e, por extensão, pantaneira.

Feito da erva-mate como o chimarrão, o tereré só difere do similar gaúcho por ser tomado gelado e na “guampa” (chifre de boi). De resto, assume as mesmas funções que nos campos do Sul: amansar os suores do corpo, diluir hierarquias entre patrões e peões e reforçar o pacto de mútua solidariedade que até hoje permite a sobrevivência dos homens neste lugar. Rodeado de água e horizonte por todos os lados, o povo pantaneiro estabeleceu laços de família e de amizade que se tornaram o melhor antídoto contra a solidão da planície. Enquanto as coisas se mantiverem desse jeito – e esse é o grande desafio do século que começa –, o Pantanal pode ser o grande exemplo de que o Brasil precisa para aprender as necessárias lições da coexistência. Não só entre os homens, mas também entre homens e bichos e, sobretudo, entre os homens e a paisagem que os cerca.

*Thus, the backward movement of water when the tide flows in, the culture of the Pampas has invaded the plains. Even today, the popular dance music in the Pantanal is Argentinian chamamé, Paraguayan polka and Gaucho folk music. And in moments of rest, everything revolves around ‘tereré’, the national drink of Paraguay, and by extension, of the Pantanal.*

*Made of mate, just like the chimarrão, tereré only differs from the similar gaucho beverage in that its drunk cold and from a ‘Guampa’ (cow’s horn). Moreover, it assumes the same functions as in the fields of the South: taming the body’s sweats, thinning hierarchies between field boss and field hand and enhancing the pact of mutual solidarity that still allows the survival of humanity in this place. Surrounded by water and the horizon on all sides, the people of the Pantanal established family ties and friendships that have become the best antidote to the loneliness of the plains.*

*While things remain this way – and this is the great challenge of the commencing century – Pantanal can be a great opportunity for what Brazil needs to learn the necessary lessons of coexistence. Not only between people, but also between people and animals, and especially amongst people and the landscape around them.*

